

**MULHERES E MINERAÇÃO: Reflexões sobre o mundo do trabalho a partir da
websérie *Mineração por Elas*.**Letícia Bargas Pereira¹Kathiuça Bertollo²**RESUMO:**

Este artigo analisa a websérie *Mineração por Elas*, campanha da Vale S.A. que busca promover a inclusão de mulheres no setor minerário. Examina, de modo crítico, a perspectiva de empoderamento individual propagada, destacando sua função mercadológica através da captura de legítimas pautas sociais e de gênero no recorte ‘mulher’. Produzida no contexto da pandemia da COVID-19 e de aumento da demanda por minério, a campanha busca reconstruir a imagem da mineradora após os rompimentos/crimes de Mariana-MG e Brumadinho-MG. Conclui-se que a iniciativa não enfrenta a superexploração da força de trabalho que se impõe sobre as mulheres e não questiona as desigualdades estruturais de gênero e do mundo do trabalho, evidenciando os limites das políticas de inclusão subordinadas aos interesses do capital.

Palavras-chave: Mulheres, mineração, mundo do trabalho.**ABSTRACT:**

This article analyzes the web series *Mineração por Elas*, a campaign by Vale S.A. that seeks to promote the inclusion of women in the mining sector. It critically examines the perspective of individual empowerment propagated, highlighting its marketing function through the capture of legitimate social and gender issues in the ‘women’ category. Produced in the context of the COVID-19 pandemic and increased demand for minerals, the campaign seeks to rebuild the mining company’s image after the dam collapses/crimes in Mariana-MG and Brumadinho-MG. It is concluded that the initiative does not address the overexploitation of the workforce imposed on women and does not question structural gender and labor inequalities, highlighting the limits of inclusion policies subordinated to the interests of capital.

Keywords: Women; mining; world of work.

¹ Graduanda em Serviço Social pela UFOP. E-mail: leticia.bargas@aluno.ufop.edu.br

² Doutora em Serviço Social pela UFSC. Docente do Departamento de Serviço Social da UFOP. E-mail: kathiuca.bertollo@ufop.edu.br

INTRODUÇÃO

A mineração é historicamente uma das atividades econômico-produtivas centrais na história do Brasil, estando circunscrita na lógica do extrativismo e saqueio dos recursos naturais, condição imposta às colônias no processo de acumulação primitiva e redesenhado a partir do imperialismo que se impõe pela divisão internacional do trabalho no modo de produção capitalista. O saque e a espoliação, de modo brutal e violento dos minérios, estão na raiz da conformação e da constituição social, cultural, política e econômica do estado de Minas Gerais. O Ciclo do Ouro e dos Diamantes que inicia a devastação no período colonial é substituído pela atual corrida pelo Minério de Ferro, que além de perpetuar a destruição em territórios secularmente explorados, se expande territorialmente para novas regiões, contaminando rios, nascentes e bacias hidrográficas alterando não só o espaço geográfico, mas também ameaçando e modificando estruturalmente os modos de vida e existência comunitárias.

É, portanto, a partir da compreensão do passado-presente, do lugar ocupado pelo Brasil na divisão internacional do trabalho sob os marcos do capitalismo dependente, que constatamos os rompimentos/crimes de barragens de rejeitos ocorridos em Mariana-MG (2015) e Brumadinho-MG (2019) enquanto expressões de continuidade e renovação dos mecanismos da superexploração da força de trabalho e da dependência nos territórios mineiros, brasileiros, latino-americanos. O autor Ruy Mauro Marini (2025), um dos formuladores da Teoria Marxista da Dependência (TMD), reflete sobre como o processo no qual as economias periféricas são expropriadas de seus excedentes em benefício das economias centrais é fundamental para acumulação capitalista nestes países e para o desenvolvimento do capital. Este por sua vez, no tempo histórico do imperialismo enquanto fase e forma do capital, implica no aprofundamento da dependência e da superexploração da força de trabalho na periferia global, reproduzindo o subdesenvolvimento como condição estrutural nos marcos do capitalismo.

Na contemporaneidade, a mineração extrativista e predatória assume uma nova dimensão de funcionamento, com múltiplos avanços técnicos e tecnológicos que cumprem a função de otimizar a produção e perpetuar a lógica da exploração para a exportação. A onda de privatizações dos bens e patrimônios públicos, na década de 1990, esteve intimamente conectada ao cenário mundial de avanço das políticas neoliberais, que emergiram e cravaram seu espaço enquanto forma de recuperação dos lucros diante dos

sinais da crise estrutural do capital e do esgotamento do seu sistema sócio metabólico. É nesse contexto que a então Vale do Rio Doce, empresa pública estatal, é privatizada em 1997, tornando-se Vale S.A, ou seja, mais uma expressão das sucessivas políticas de abertura ao capital privado e estrangeiro, inscritas nos projetos desenvolvimentistas-conservadores intensificadas no período da ditadura militar e em momentos de crise do capital.

A privatização da mineradora Vale do Rio Doce trouxe profundas mudanças na política de gestão da empresa, resultando em impactos significativos como: a intensificação da exploração dos recursos naturais e da força de trabalho; o aprofundamento do desenvolvimento técnico e tecnológico para aumentar a produtividade do trabalho, ampliar os lucros e diminuir os custos de produção.

Atualmente, quase metade dos acionistas da Vale S.A são estrangeiros, havendo também participação significativa de setores da burguesia brasileira no comando da terceira maior empresa de mineração do mundo, que após a privatização foi muito bem-sucedida em maximizar seus lucros, às custas da exploração e devastação ambiental e humana.

É na esteira do crescimento e desenvolvimento da Vale S.A que ocorrem os rompimentos/crimes, precedidos por múltiplos indícios e também por muitos gritos das comunidades que já eram atingidas bem antes da sirene de alerta não tocar para sinalizar o rompimento das barragens. Contraditoriamente, a crise ambiental e social ocasionada pelos sucessivos rompimentos/crimes da Vale S.A não implicaram em penalizações ao ponto de efetivamente comprometer as taxas de lucro da empresa, que bateu recorde em 2021, período da pandemia da COVID-19 e poucos anos após o rompimento/crime de Brumadinho-MG. Apesar disso, o impacto midiático e jurídico de ambos os casos fez a Vale S.A buscar com afincos uma reconstrução imagética da mineradora perante a sociedade.

É nesse contexto que se localiza a produção e veiculação da Websérie *Mineração Por Elas*, composta por duas temporadas, lançadas respectivamente em 2021 e 2022. Esse material faz parte de um programa mais amplo que se propõe a promover a inclusão e a diversidade nos espaços de trabalho, simbolizando um esforço estratégico da mineradora para alinhar a sua imagem às pautas contemporâneas em torno da inclusão social. O

intuito da campanha é divulgar e ampliar o alcance dos avanços e conquistas da política de inclusão e diversidade da Vale S.A, visando o aumento do número de trabalhadoras mulheres, mulheres negras, LGBTQIA+ e PCD's nos mais variados postos de trabalho na empresa. De acordo com a mineradora “Essa websérie tem como objetivo enaltecer o trabalho das mulheres no setor da mineração, em diversas funções e hierarquias. Queremos que esses vídeos inspirem mulheres a, cada vez mais, construir uma carreira nessa indústria.” (MINERAÇÃO POR ELAS. Vale S.A, 2021.)

A partir do reconhecimento da importância em entender as estratégias que orientam as políticas das grandes mineradoras, bem como seus impactos na vida cotidiana da classe trabalhadora nos territórios minerados, especialmente sobre as mulheres trabalhadoras no setor mineral, o presente artigo é resultado de um projeto de iniciação científica vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/Cnpq) realizado ao longo de 2024 e vinculado à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

O principal objeto de estudo nesta pesquisa foi a campanha/websérie *Mineração por Elas* da Vale S.A. em que buscamos compreender o intuito dessa campanha, bem como seu significado na pauta gênero-mulher e suas consequências na vida das mulheres trabalhadoras na mineração. A metodologia assumida pautou-se na análise da websérie, pesquisa documental a partir de relatórios e documentos da Vale S.A e pesquisa bibliográfica orientada pelo materialismo histórico-dialético e pelo referencial teórico que advém da teoria marxista da dependência.

Um breve histórico da Vale

A Companhia Vale do Rio Doce foi fundada em 1942 após a nacionalização de minas de ferro em Itabira-MG, antes controladas por empresas estrangeiras. A criação da estatal fez parte da política de modernização conservadora, caracterizada no Governo Vargas pela centralização do Estado e pelo desenvolvimento industrial e tecnológico dependente do capital estrangeiro. Enquanto estatal de capital misto, com investimentos britânicos e estadunidenses, a Vale do Rio Doce já surge com a finalidade de explorar os recursos naturais, especialmente o minério de ferro, para a exportação com a finalidade de abastecer a indústria bélica dos países centrais. O fim do Estado Novo renova a política desenvolvimentista, que mantém em fundamento a dependência econômica. Nesse período histórico, de industrialização acelerada e tardia, com o desenvolvimento dos

setores de energia, transporte e indústria de base, foram criadas as condições para a ampliação da capacidade produtiva da mineração extrativista e para sua expansão territorial. Durante a Ditadura Militar, sobretudo na década de 1970, com a consolidação do estado autocrático, antidemocrático e antinacional (NETTO, 2017, p. 83) a política econômica de modernização a serviço dos monopólios internacionais ao passo que acentua a condição de dependência externa, contribui para um *boom* no setor da mineração. Esse momento é marcado pelo desenvolvimento da infraestrutura produtiva e de escoamento, com a construção de novas estradas e minerodutos e a facilitação do transporte do minério extraído, bem como a viabilização da expansão para novos territórios.

De fato, era o divórcio da mineração de ferro do vale do Rio Doce e suas contingências naturais. Os técnicos destacavam a computarização das operações, o melhoramento do controle de qualidade do minério transportado, e principalmente a confiabilidade do sistema como grandes vantagens da nova tecnologia (Lara; Busse, 1979).

Após a ditadura militar, a redemocratização brasileira esteve inscrita no cenário global de crise do capital e ascensão do neoliberalismo, política responsável pela reestruturação do modo de produção capitalista, desmonte das bases do Estado de bem-estar social e das políticas públicas de compensação social, promoção da desregulamentação dos mercados, das relações de trabalho e privatizações (ANTUNES, 2022, p. 34). Com a agenda neoliberal sendo aplicada paulatinamente desde o Governo Itamar Franco, a Companhia Vale do Rio Doce é privatizada em 1997 no Governo Fernando Henrique Cardoso, época em que a empresa era a maior exportadora de minério de ferro do mundo. Com uma estrutura técnica e tecnológica massificada após 45 anos de desenvolvimento estatal, sendo proprietária de uma série de portos, navegação e infraestrutura, a mineradora é vendida para um grupo de empresas privadas por cerca de R\$3,3 bilhões, preço consideravelmente inferior ao valor real da empresa.

Levando em conta o preço das ações da Vale vendidas pelo governo no leilão de 1997, a companhia valia, ao todo, R\$ 12,5 bilhões naquela época. No mês passado, o valor de mercado da mesma companhia era de R\$ 452 bilhões, segundo um estudo da consultoria Economatica realizado a pedido do G1 – valorização de mais de 3.500%. Só no ano passado, a Vale lucrou R\$ 121 bilhões – quase dez vezes o que o governo dizia que ela valia em 1997. O ganho foi o maior já registrado por uma empresa brasileira na história, também segundo a Economatica. Em 2021, a empresa distribuiu a seus acionistas mais de R\$73 bilhões em dividendos (participação nos lucros). O governo, que vendeu seu controle da Vale por 2,4% disso, não foi beneficiado. (KONCHINSKI, 2022)

À luz da Teoria Marxista da Dependência, a privatização da então Vale do Rio Doce expressa a transferência de um bem público ao capital privado, colocando os recursos naturais brasileiros à disposição do processo de acumulação capitalista por parte do capital internacional. Com a privatização, a empresa cada vez mais internacionalizada, investe no incremento dos meios de produção, aumenta a produtividade e maximiza os lucros. A privatização da empresa também alterou significativamente as relações trabalhistas e com o território, de modo que é intensificada a exploração tanto dos recursos naturais como da força de trabalho.

Atualmente, a Vale S.A é a terceira maior empresa de mineração do mundo, a maior produtora de minério de ferro, pelotas e níquel, além de extrair também manganês, ferroligas, cobre, ouro, prata e cobalto. A empresa atua em mais de 20 países, e no Brasil, sobretudo nos estados do Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Pará e Rio de Janeiro. Possui 97 barragens de mineração enquadradas na Política Nacional de Segurança de Barragens (PNSB), entre estruturas em operação, inativas ou em construção, sendo que 85 destas estão localizadas em Minas Gerais. No ano de 2023, a empresa lucrou R\$ 39,940 bilhões, e ano anterior obteve o maior montante de lucro já registrado na história, R\$ 95,9 bilhões.

É importante destacar que o desenvolvimento científico, técnico e tecnológico, substancial para a expansão e aumento dos lucros registrados no último período, sendo orientado pelos interesses mercadológicos do capital, visava a intensificação da produção, analisando riscos somente do ponto de vista do comprometimento dos lucros. A análise dos impactos humanos e ambientais para além do bônus mercadológico não fez parte desse desenvolvimento científico, de modo que ainda hoje diversas comunidades atingidas não têm clareza, por exemplo, sobre o impacto da poeira e da contaminação da água, ambas carregadas de metais pesados, na saúde da população.

O estudo da profundidade dos impactos ambientais, ecológicos, sociais e humanos dos crimes-rompimentos das barragens de rejeitos de Mariana-MG e Brumadinho-MG permanecem em andamento, sendo conduzidas sobretudo por Instituições e Órgãos Públicos. Ademais, o aumento dos lucros obtidos ocorre juntamente com a ampliação gradativa das terceirizações, e desvalorização real do salário dos trabalhadores frente ao aumento da produtividade - incremento na mais valia relativa. A título de exemplificação deste cenário de desmonte de direitos trabalhistas, em 2021, a empresa contava com 213.413 trabalhadores, sendo 141.147 terceirizados. (NOSSA GENTE. Vale, 2024.)

A campanha *Mineração por Elas*

É, portanto, a partir dessa perspectiva histórico-econômica da atual Vale S.A, que analisamos o papel e os impactos da websérie *Mineração por Elas*, parte da campanha de inclusão e diversidade da mineradora. A websérie é composta por duas temporadas e um total de doze episódios, lançados em 2020 e 2021 e disponibilizados na plataforma virtual YouTube. A primeira temporada coloca em foco as trabalhadoras a partir do estado/localidade em que trabalham, buscando expressar a diversidade regional e amplitude territorial da atividade econômica da mineração extrativista da empresa.

Já a segunda temporada, coloca em foco as mulheres a partir dos grupos sociais marginalizados que elas compõem, trazendo as pautas LGBTQIA+, racial, das pessoas com deficiência e da juventude. Em cada um dos episódios, as mulheres trabalhadoras trazem a sua história na mineradora e contam sobre o seu cotidiano de trabalho enquanto mulheres em um setor predominantemente masculino. Com o objetivo ousado de dobrar o número de trabalhadoras até o ano de 2030 - passando de 13% para 26% - e dobrar também o número de mulheres em cargos de chefia e liderança - de 12% para 20% -, a websérie busca expor as múltiplas iniciativas da mineradora para promoção da inclusão e diversidade, incentivando que essa força de trabalho - historicamente dupla ou triplamente explorada e marginalizada, das mulheres pretas, PCD's e LGBTQIA+ - busque uma oportunidade laboral e de carreira na Vale S.A.

É importante situar a produção e veiculação da websérie no contexto de crise pandêmica, econômica e social, que impactou profundamente a vida da classe trabalhadora. Dentre os indicadores sociais que expressam a realidade vivida pela população brasileira durante o período da pandemia da COVID-19, são notórias as altas taxas médias de desemprego - que atingiu 13,9% em 2021, o equivalente a 13,8 milhões de desempregados - e o aumento da informalidade, com mais de 40 milhões de trabalhadores no mercado informal no ano seguinte, o que equivale a 42,1% da população ocupada³. O contexto de crise também foi caracterizado pela ampliação da pobreza, da fome e da miséria. Em “Capitalismo Pandêmico”, Ricardo Antunes (2022) destaca o caráter discriminatório da pandemia, que atingiu brutalmente a classe trabalhadora, sobretudo as parcelas mais marginalizadas e precarizadas, intensificando as desigualdades históricas preexistentes. Isso se expressa, por exemplo, nos dados sobre o

3 IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça: Desemprego, Informalidade, Subutilização e Inatividade. Brasília: IPEA, 2024.

desemprego: do total de 13,8 milhões de trabalhadores desempregados em 2021, 20,6% eram mulheres negras. Com relação às taxas de informalidade, nesse mesmo ano, 46,3% das mulheres negras maiores de 16 anos estavam em trabalhos informais, e 48,2% dos homens negros.

A pandemia global também fez aumentar a demanda internacional pelo minério de ferro, sobretudo com o crescimento das importações chinesas, acarretando também a valorização das commodities. A mineração foi considerada, pelo então Governo Federal de Bolsonaro, uma atividade essencial e não parou no período da pandemia, submetendo os trabalhadores aos riscos sanitários, apesar das contestações dos sindicatos e movimentos sociais⁴. Foi no período pandêmico que a Vale S.A registrou lucros recordes, com o aumento de 354% da receita líquida de 2020 para 2021 e o lucro líquido de R\$ 121,2 Bilhões neste ano (GLOBO, 2022).

Assim, em um cenário nacional marcado pelo desemprego e desaceleração econômica, a mineração foi uma atividade produtiva que esteve em ascensão e expansão, inclusive com o avanço de novos projetos de licenciamento de empreendimentos, como é o caso do Projeto Apolo, retomado em 2021 e que prevê a exploração minerária na região da Serra do Gandarela em Minas Gerais. Compreendemos, portanto, a conexão entre a websérie *Mineração por Elas* e o movimento de ampliação da mineração extrativista e predatória, com a expansão do território econômico e aumento da demanda de força de trabalho para o desenvolvimento do capital e da acumulação capitalista.

Podemos inscrever a websérie a partir desta conformação, pois a abordagem quanto à questão de gênero-mulher e racial é baseada na perspectiva liberal e mercadológica do empoderamento individual, enfatizando elementos como “o lugar da mulher é onde ela quiser” e que “a mineração não é algo impossível para as mulheres”. O empoderamento divulgado e reivindicado é reforçado enquanto capacidade individual de superação de determinados obstáculos impostos por séculos de patriarcado, racismo, pela divisão racial e sexual do trabalho e por uma sociedade profundamente marcada pelo machismo e pela opressão das mulheres. Ao enfatizar e dar protagonismo aos casos de empoderamento individual, a mineradora promove a ideia de que o sucesso no mercado de trabalho, a ascensão profissional, e a independência financeira são os caminhos principais para a emancipação das mulheres.

⁴ Nota Unificada: parar a mineração por nossas vidas <https://atingidosvale.com/nota-unificada-paralisar-a-mineracao-por-nossas-vidas/>

Ao longo dos episódios das duas temporadas de *Mineração por Elas*, são exaltadas as histórias de vida das mulheres que venceram pontualmente determinados entraves impostos pelas discriminações e preconceitos e se realizaram na vida e no trabalho do ponto de vista individual e privatista. Para confirmar tais contornos expressados e difundidos, evidenciamos trechos do episódio 02 da temporada 02 da webserie, que abordou o tema das *Mulheres Negras*.

“O meu primeiro dia na mina, né? E eu olhava o que era a grandiosidade que é S11D. E eu ver outras mulheres aqui: aquilo ali foi o ápice pra mim. Porque o ambiente da mina é um ambiente predominantemente masculino, né? E aí eu ver uma mulher, operando um caminhão imenso, eu fiquei muito emocionada. Eu falei, cara é disso que eu estou falando: é a mulher estar onde ela quer estar.”

“Eu chegar naquele ambiente e me deparar com uma mulher preta ocupando um cargo alto, que é o cargo de coordenação, aquilo ali eu falei: é representatividade.”

“A vontade, o desejo de trabalhar com a mineração, me deu muita força. Eu sempre falei: eu vou ser geóloga da Vale.”

“É todo um filme que passa na sua cabeça, sabe? Cara, olha de onde eu saí, olha onde é que eu estou.”

MULHERES NEGRAS (temporada 02, episódio 02). Mineração por Elas. Produção: Vale S.A. Brasil, 2022.

Nessa perspectiva, o debate sobre a pauta da mulher fica restrito à igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, sem abordar ou questionar os fatores geradores dessa desigualdade: a divisão sexual do trabalho e os papéis de gênero. Assim, a inserção das mulheres em mais postos de trabalho e cargos de liderança na mineração extrativista, se por um lado promove o empoderamento reivindicado pela mineradora, por outro sequer reflete sobre a condição de superexploração da força de trabalho que é o fundamento da dependência latino-americana, e que incide sobre as mulheres trabalhadoras no setor da mineração também. Além do que tende a naturalizar as duplas e triplas jornadas de trabalho, acarretadas pela manutenção da responsabilização das mulheres pelas tarefas domésticas, de cuidado, de produção e reprodução da vida social. A mulher que trabalha em cargos e funções masculinas permanece sendo responsabilizada, igualmente, pelo cuidado dos filhos e demais familiares, pela limpeza e organização da casa, pela produção das refeições, etc.

O empoderamento, ao não questionar os papéis de gênero e a divisão sexual do trabalho, acaba por reforçar os estereótipos de feminino e masculino. As duplas e triplas jornadas de trabalho, bem como a manutenção dos papéis de gênero e de cuidado

historicamente femininos são expressos em diversas falas ao longo da websérie, como o exposto no episódio 03 da temporada 01 que expõe acerca das *Mulheres em Minas Gerais*.

“Quando eu tive esse filho meu que é especial, eu trabalhava com autoescola. A partir do momento que eu tive ele, eu suspendi esse trabalho, porque eu achei que eu deveria estar dedicando o tempo todo a ele. Então assim, essa retomada para mim às minhas atividades foi muito bacana e trouxe para ele um desenvolvimento muito bom.”

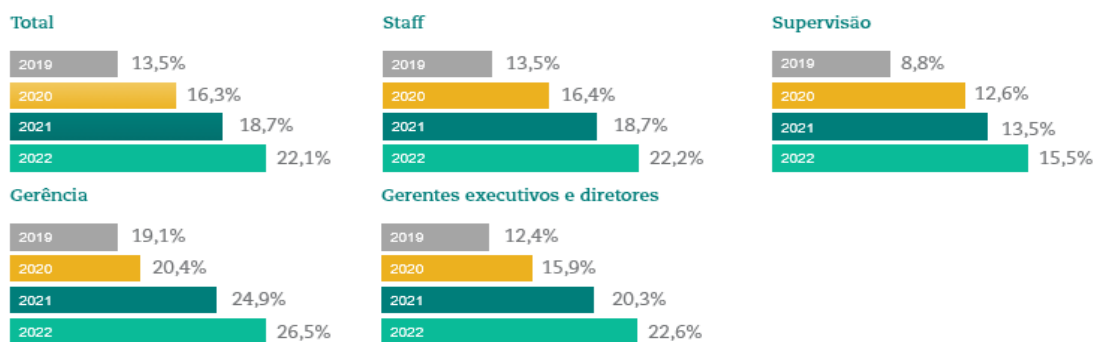
“Eu resolvi enviar meu currículo, daí eu fui assim, com a coragem mesmo. As pessoas acham que a mulher que trabalha na mineração tem que ser uma mulher masculina. Pelo contrário, eu gosto de estar arrumando o cabelo, eu gosto de estar pintando as unhas.”

MULHERES EM MINAS GERAIS (temporada 01, episódio 03). Mineração por Elas. Produção: Vale S.A. Brasil, 2021.

Para comprovar o alcance e resultados da campanha, a própria mineradora divulgou estimativas, conforme pode ser observado no gráfico a seguir.

O resultado da campanha de inclusão e diversidade até agora

Gráfico 1: O avanço da Vale na equidade de gênero: % representatividade de mulheres por níveis hierárquicos.



(Fonte: Vale S.A, 2023)

O gráfico expressa o avanço da contratação de mulheres na Vale S.A, entre os anos de 2019 e 2022, distinguindo os espaços de atuação e o aumento do total de mulheres contratadas. Em 2022, após o lançamento das duas temporadas da websérie *Mineração por Elas* e transcorridos 3 anos desde o compromisso estabelecido, a empresa registrou um percentual de 22,1% de mulheres no total de funcionários, expressando um progresso significativo, ou seja, a estimativa ainda é relativamente baixa, porém considerada exitosa por parte da empresa em relação aos anos anteriores, o que demonstra o quão irrisória era a participação das mulheres em seu quadro funcional anteriormente à campanha. Convém explicitar que neste mesmo ano de 2022, a mineradora contava com mais de 215 mil

empregados, e destes, apenas 64 mil funcionários eram diretamente vinculados a mineradora, sendo os outros 150 mil trabalhadores terceirizados.

Em relação ao ano de 2023, os dados demonstraram que a Vale S.A contou com um percentual de 24% de trabalhadoras mulheres, em um universo de 234 mil empregados, sendo que cerca de 70% eram terceirizados. Destacamos que não há dados no *site* oficial da mineradora sobre a quantidade de trabalhadoras mulheres terceirizadas, nem sobre as porcentagens de terceirizados conforme o cargo hierárquico. (NOSSA GENTE. Vale S.A, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A websérie *Mineração por Elas* surge em um contexto de crise multifacetada, em que as desigualdades sociais, econômicas, raciais e de gênero foram brutalmente intensificadas, especialmente para os grupos mais vulneráveis da classe trabalhadora. A campanha, embora possa ser vista como uma ação estratégica de comunicação, também reflete o intuito da Vale S.A em se reposicionar perante a sociedade profundamente abalada pelos impactos dos crimes ambientais de Mariana-MG e Brumadinho-MG, que no imediato, até geraram certo prejuízo econômico e jurídico à empresa, mas para além disso, ocasionaram uma significativa perda de confiança pública em relação a sua forma de atuação.

Nesse sentido, a websérie vai além da promoção das conquistas da política de inclusão e diversidade da empresa: ela se insere em uma tentativa de alinhamento com as crescentes demandas por justiça social, equidade de gênero e racial, e por maior representatividade de grupos historicamente marginalizados, como mulheres, negros, LGBTQIA+ e pessoas com deficiência, num contexto de tentar reparar a imagem empresarial que ficou abalada a partir dos últimos e expressivos rompimentos/crimes de suas estruturas produtivas. Nesse sentido, a abordagem a respeito dessas pautas permanece no campo da propaganda mercadológica de fundamento neoliberal, sem pretensão alguma de efetivamente superar as opressões supracitadas.

O objetivo central da campanha de atrair mais força de trabalho, especialmente mulheres, está intrinsecamente ligado à necessidade de expansão da Vale S.A. e à constante necessidade de exploração da força de trabalho para garantir a acumulação capitalista. A empresa, ao buscar dobrar o número de mulheres em seus quadros até 2030,

não apenas responde às pressões sociais por maior equidade, mas também visa ampliar seu contingente de trabalhadores em um momento de crescimento da demanda por minério de ferro e de expansão territorial de suas operações. A inclusão de mulheres, negras, LGBTQIA+ e pessoas com deficiência, portanto, não pode ser dissociada da lógica de maximização dos lucros e da superexploração da força de trabalho, conformações estas, do capitalismo dependente. Além disso, a campanha, ao mesmo tempo em que promove a diversidade, reforça a precarização do trabalho, especialmente através da terceirização, que atinge de forma mais intensa as mulheres e outros grupos marginalizados.

Também é possível sinalizar que a campanha desempenha um papel de desmobilização dos movimentos sociais, especialmente aqueles liderados por mulheres atingidas pelo cotidiano violento e de destruição da mineração extrativista ou das atingidas pelos rompimentos criminosos. Ao destacar histórias individuais de sucesso e empoderamento feminino, a Vale S.A. busca neutralizar as críticas, lutas e resistências organizadas nos territórios afetados por suas operações, especialmente pelas mulheres, que historicamente desempenham um papel central na liderança comunitária e na defesa de suas comunidades. Ao tornarem-se funcionárias da mineradora, são cooptadas pelo discurso que transforma a luta coletiva por direitos em casos isolados de superação pessoal. Essa estratégia não apenas enfraquece os movimentos sociais, mas também naturaliza a exploração e a violência inerentes ao atual modelo de mineração extrativista.

A websérie, portanto, deve ser compreendida como parte de um esforço mais amplo da Vale S.A. para reconstruir sua imagem e garantir a continuidade de suas operações, mesmo diante dos graves impactos socioambientais causados por seus empreendimentos. A campanha/websérie *Mineração por Elas* não questiona as estruturas das opressões de gênero, raça e classe, mas as utiliza como ferramentas para legitimar a exploração capitalista. A inclusão de mulheres e outros grupos marginalizados nos espaços de trabalho da mineração, embora até represente um avanço em termos de representatividade, não altera a lógica predatória e excludente do modelo de desenvolvimento baseado na superexploração da força de trabalho e na destruição dos recursos naturais.

Por fim, é fundamental destacar que a luta por justiça social, equidade de gênero e racial, e pela defesa dos territórios e das comunidades atingidas pela mineração, não

pode ser reduzida a iniciativas empresariais de cunho mercadológico. A verdadeira transformação passa pelo fortalecimento dos movimentos sociais, pela denúncia das práticas predatórias das grandes corporações e pela construção de alternativas de desenvolvimento que priorizem a vida e a dignidade humana em detrimento do lucro. A websérie *Mineração por Elas*, em última instância, revela os limites das políticas de inclusão e diversidade quando estas são subordinadas aos interesses do capital, reforçando a necessidade de uma crítica radical ao atual modelo de mineração extrativista e à lógica do capitalismo dependente.

REFERÊNCIAS

- NETTO, José Paulo. Ditadura e Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2017.
- ANTUNES, Ricardo. Capitalismo Pandêmico. São Paulo: Boitempo, 2022
- MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. In: TRANSPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (orgs). 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005. (p. 137 a 180).
- Vale S.A. Relatório Anual de Diversidade, Equidade e Inclusão. Rio de Janeiro: Vale, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1YK0bvHHsMfIC1q0rTnKiOR8__BASIBDN/view?usp=sharing. Acesso em 17 de março de 2025.
- G1. Vale tem lucro de R\$ 121,2 bilhões em 2021. G1 Economia, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/02/24/vale-tem-lucro-de-r-1212-bilhoes-em-2021.ghtml> . Acesso em 17 de março de 2025.
- NOSSA GENTE. Vale S.A, 2024. Disponível em: <https://vale.com/pt/esg/nossa-gente> . Acesso em: 08 de Fevereiro de 2025.
- MINERAÇÃO POR ELAS. Vale S.A, 2021. Disponível em: <https://vale.com/pt/mining-by-woman> . Acesso em: 02 de Fevereiro de 2025.